

Capítulo Um

SOPHIE

— Não, não, por favor, Theo, resiste — imploro ao meu marido, agarrando-lhe na mão. — Por favor, não desistas.

Ele aperta-me a mão, os lábios azulados tentando curvar-se.

— Tem coragem, Sophie. Precisas de a ter.

Não consigo. Não sei como sobreviver num mundo sem ele. O Theodore Pearson é o meu melhor amigo desde os nove anos, e meu marido há três anos e meio. Ele interveio e salvou-me naquela altura e, agora, não consigo fazer o mesmo por ele. O seu coração está por um fio e não há hipótese de transplante.

— Como vou viver sem ti?

— Tu... — Ele suspira, fecha os olhos e obriga-se a abri-los para me fitar. — És mais forte do que pensas. Encontra alguém que te ame como eu nunca consegui, Sophie. Tens de pegar na Eden e ir-te embora.

Abano a cabeça. Ele continua a repetir isto, mas não vou deixá-lo. Agora, não. No fim, quando está literalmente a morrer.

— Não podes obrigar-me a deixar-te, Theo.

Tenho estado ao seu lado, rezando por um milagre, mesmo sabendo que já não acontecerá. O Theo nasceu com uma doença cardíaca congénita. Aos sete anos, fez a primeira cirurgia de coração aberto. Aos onze, sujeitou-se à segunda. A última ocorreu há um ano, e foi quando ele entrou na lista de transplantes. Temos aguardado, mas não há compatibilidade.

O tempo acabou e ele quer que o deixe morrer sozinho.

Não consigo.

— Se tu... me amas... tens de... — O Theo tosse várias vezes e depois inspira profundamente. — Vai.

Nada disto faz sentido, mas há três dias que ele exige que eu faça as malas sem qualquer explicação. Disse que era uma questão de vida ou morte. Então, obedeci, porque se acalmou assim que concordei. No entanto, isto é uma loucura. Não vou deixá-lo no leito de morte. Insisto, confusa quanto ao motivo pelo qual continua a dizer estas coisas estranhas.

— Queres que te deixe agora, porquê?

Uma lágrima corre-lhe pela face.

— Porque ele virá atrás de ti.

— Quem? Quem virá? Nada faz sentido.

O Theo pega-me na mão, entrelaçando os nossos dedos.

— És a minha melhor amiga, Sophie. Quando engravidaste, casei-me contigo, cuidei de ti e fiz tudo para te proteger. Agora, peço-te que faças isto por mim. Leva a Eden e segue as instruções.

O meu queixo treme enquanto tento conter as lágrimas.

— Sim, é verdade, mas foi ideia tua! Não te pedi nada. És o meu melhor amigo, Theo. Fizeste tudo isso, e agora queres que te deixe morrer sozinho?

— Sim. Preciso de morrer sozinho.

— Não falas a sério! Não posso deixar-te agora. Recuso-me... não podes pedir-me isso.

— Não estarei sozinho.

— Estarás.

Os pais dele não vêm. Abandonaram o Theo há seis anos, quando ele se recusou a trabalhar para o pai. Odiavam as escolhas dele, por isso, não temos notícias deles desde então. Liguei-lhes há uma semana, deixei uma mensagem desesperada a explicar a situação, e a assistente da mãe devolveu-me a chamada a dizer que estavam fora do país e que tinham enviado flores. São pessoas horríveis.

— Não te pedi muito, Fi. — Ele trata-me pela abreviatura de infância, e uma lágrima cai-me pela face. — Até estás a dever-me, por me obrigares a casar-me contigo.

Solto uma risada, mas soa mais a soluço.

— Sempre quiseste estar comigo.

Ele revira os olhos.

— Nunca fomos assim, amor.

Não, não fomos, mas quando voltei de Las Vegas grávida, o Theo não hesitou. Ofereceu-se para se casar comigo e criar a Eden como sua filha. O nosso casamento é apenas no papel e nunca pisámos esse risco. Principalmente porque não sou a mulher a quem ele ama, aquela que nunca poderá ter porque essa se casou com outra pessoa. E... ele é como um irmão para mim, nada mais.

— Não te aguentarias comigo na cama.

O Theo ri-se.

— Acho que é ao contrário.

Deito-me ao lado dele, com o braço sobre o seu peito, com cuidado para não tocar nos cabos. O queixo treme-me e as lágrimas caem-me livremente.

— Amo-te.

— Eu, também. É por causa desse amor que posso morrer em paz, por isso tens de me deixar ir, e precisas de partir, antes que dê o último suspiro.

Abano a cabeça em rebeldia. Não quero deixá-lo. Não quero que morra neste quarto sozinho. A Eden e eu amamo-lo e devemos acompanhá-lo nos últimos momentos. Ele foi um pai maravilhoso para ela e significa tudo para mim.

— Estás a pedir-me o impossível.

— Olha para mim, Fi. — Levanto o olhar lacrimajante para ele.

— Nada é impossível quando se trata de amor. Tu... tens de ir. Não porque queres, mas porque preciso de te proteger e à Eden da única forma que posso. Segue todas as instruções.

— Quais instruções?

— As que encontrares pelo caminho.

— Estás a ser tão enigmático, caramba.

O Theo inspira profundamente, o suspiro faz o peito levantar-se, tal é a força que tem de fazer. Aproxima-se do fim.

— Vai.

Um soluço sobe-me pela garganta, mas reprimo-o.

— Do que tens tanto medo? De quem estás a proteger-nos?

Os olhos dele fecham-se e custa-lhe respirar.

— Estamos a ficar sem tempo. Por favor.

Ao ouvir a voz vacilar-lhe perco a determinação. Quero dissuadi-lo, negar isto e ficar ao seu lado, onde prometi que permaneceria, mas como? O Theo está a pedir-me que parta. A implorar-me que o ouça, e é óbvio que algo está mal.

— Tens assim tanto medo?

— Sim. *Dele*.

— Se eu for, tens de me prometer que me perdoas. Que sabes que não queria ir. Que lutaria por ti até ao fim. Desististe da tua vida por mim quando estava grávida da Eden, e devo-te tudo.

— Não me debes nada. Deste-me uma filha a quem amar, quando nunca poderia tê-la de outro modo.

A doença cardíaca do Theo é genética, e ele sabe desde muito jovem que, se se arriscasse a ter um filho, poderia transmitir-lhe a doença. A Eden foi uma bênção que ele não esperava, e ele foi o salvador que eu nem sabia que precisava.

— Não quero dizer adeus.

Ele acaricia-me a face.

— Nunca é adeus para nós. Os melhores... amigos. — O Theo suspira e sorri-me. — Nunca acaba.

Encosto a testa à dele, o meu coração revoltado contra o que me pede.

— Continuo à espera de que o médico entre e nos diga que há um coração.

— Não há coração para nós, Fi.

Sei disso. Mesmo assim, desejo que haja.

— Podes ficar com o meu.

— Oxalá pudéssemos dividi-lo.

Outra onda de lágrimas desliza-me pela face, salpicando o peito dele.

— Para onde vou? — pergunto.

— Para um lugar seguro, onde alguém te proteja, pois eu não consegui.

O Theo é mais rico do que qualquer pessoa que já conheci. Logo, é uma loucura que não tenha dinheiro para contratar quem me proteja

em Inglaterra. Além disso, ele não explicou nada. Não entendo o perigo que corremos, nem por que razão eu e a Eden temos de nos ir embora. Ele não me diz nada, e estamos a ficar sem tempo. Por amor de Deus, nem consigo discutir sobre isso e exigir respostas, pois está a sufocar.

Sinto parte de mim a estranhar se será a sério, mesmo que ele diga que sim.

— Não quero passar este tempo a discutir. Pedes-me que acredite que corro perigo, e confio em ti, mas nada disso faz sentido. Farei o que pedes porque sempre me amaste mais do que merecia, e nunca me mentiste.

No entanto, é claro que ele não tem sido honesto acerca de alguma coisa, já que é a primeira vez que ouço falar de perigo na nossa vida.

— Olha para mim. — Levanto a cabeça. — Mereces mais do que eu poderia dar-te. Mereces mais do que o amor de um irmão ou amigo. Encontra quem te faça brilhar. Alguém que ame a Eden como uma filha.

Não quero, mas ele está a morrer e não vou recusar-lhe nada.

— Eu prometo.

Ele pega-me nas mãos e aperta-as com força.

— Cumpre a tua promessa, Sophie. Agora vai e segue todas as instruções. Exatamente como está escrito.

Inclino-me, levo os lábios aos dele. Podemos nunca ter sentido atração sexual um pelo outro, mas sempre fomos afetuosos.

— És o meu melhor amigo.

— E tu és a minha.

— Vou contar tudo à Eden sobre o pai dela. Não vou deixar-te sair da nossa vida.

Os seus olhos fecham-se e os lábios tremem-lhe.

— Vou velar pelas duas.

Já estou a fungar de tanto chorar, e as minhas mãos tremem-me. Deus, não consigo fazer isto. Não consigo.

— Fiquem a salvo, porque não posso morrer sabendo que ainda correm perigo. Por favor, concede-me isso.

O meu peito sobe, pois já estou a arquejar. O Theo nunca me magoou. Jamais. Em crianças, ele era o meu protetor. Quando a minha mãe estava no seu pior, o Theo estava lá, a apoiar-me. Sempre nos sacrificámos um pelo outro, e tenho de lhe dar isto. Nem que isso me mate.

Recomponho-me, sentindo que vou desabar a qualquer momento, obrigo-me a levantar e aconchego o Theo na cama. Posso fazer de conta que nos veremos novamente. Preciso de o fazer para seguir em frente.

— Amo-te. — As palavras saem-me sufocadas.

— Amo-te, e amo a Eden. Desculpa, Fi. Desculpa o homem que nunca fui e por te deixar com esta confusão, mas procurei manter-vos a salvo, e tu deves fazer tudo como eu disser.

Seco os olhos e anuo.

— Está bem.

Juntar os meus pertences é uma agonia, mas estando o Theo assim tão aflito, talvez eu também deva estar. A Eden é o meu mundo, e não posso permitir que lhe aconteça qualquer mal.

Ao dirigir-me para a porta, é como se os meus sapatos tivessem âncoras nas solas, e olho para ele mais uma vez. Faz-me um sorriso retorcido, com os lábios gretados e o rosto pálido. Não me vou lembrar dele assim. Vou recordar-me do rapaz que me deu a mochila dele quando a minha se rasgou. Ou do jovem que me acompanhou ao baile de formatura, depois de o meu namorado romper comigo na noite anterior. E, também, do homem que se casou comigo, e criou a filha que fiz numa noite de bebedeira em Las Vegas com um homem que nem conhecia. A seguir, vou ver este homem que, no seu leito de morte, nos pôs em primeiro lugar, para nos proteger de qualquer confusão em que se tenha metido, mesmo que eu não entenda a razão.

— Está tudo bem — diz o Theo.

Não está nada bem, mas forço um sorriso antes de levar as mãos aos lábios e lhe enviar um beijo.

— Arrancaria o coração do peito por ti.

Ele sorri.

— O teu coração é negro e cínico. Não teria sobrevivido na minha alma esperançosa.

O riso escapa-me dos lábios, assim como as lágrimas dos olhos.

— Descansa agora, Theo, vai ficar tudo bem.

Viro-me e desato a fugir pelo corredor sabendo que, se parar, voltarei para ele. Não vejo ninguém à saída do hospital, mas o Martin, o nosso motorista, espera-me para me abrir a porta do carro preto.

Lança-me um olhar cúmplice, os olhos castanhos cheios de tristeza.
Quando se senta ao volante, miro-o pelo espelho retrovisor.
— Ele foi-se. Preciso de ir para casa.
E descobrir para onde vou a seguir.